

1

Introdução

Jacques Derrida, filósofo cuja obra é reconhecida atualmente como a mais importante no cenário filosófico francês, dedicou, como se sabe, grande parte de seu trabalho à discussão de questões relativas à obra de Freud e à sua importância como momento de ruptura com relação à tradição filosófica metafísica. Ainda como um estudioso da fenomenologia (berço de suas primeiras reflexões), ele escreve em *A voz e o fenômeno*, seu primeiro livro, sobre esta ruptura operada por Freud. Neste texto, dedicado ao estudo do privilégio concedido à voz em detrimento da escritura em Husserl (como metonímia a toda história do pensamento), ele sublinha, ainda que de forma breve, o abalo que a noção de inconsciente da psicanálise — e as conseqüentes discussões sobre a questão da temporalidade — trazem para a filosofia, que é sempre orientada pela soberania de uma consciência presente a si mesma.

A dominância do agora não constitui apenas um sistema com a oposição fundadora da metafísica, a saber, a oposição entre *forma* (*eidos*) e a *matéria* como oposição entre o *ato* e a *potência* ('O agora atual é e continua sendo, necessariamente algo pontual : é a *forma que persiste* (*Verharrende*) enquanto a *matéria é sempre nova.* ')¹. Ela garante a tradição que dá continuidade à metafísica grega da presença na metafísica 'moderna' da presença como consciência de si, metafísica da idéia como representação (*Vorstellung*). Ela prescreve, assim, o lugar de uma problemática que confronta a fenomenologia com todo pensamento da não-consciência que poderia se aproximar do verdadeiro objeto e da instância profunda da decisão : o conceito de tempo. Não é por acaso que as *Leçons* sobre a consciência íntima do tempo confirmam a dominância do presente e recusam, ao mesmo tempo, a 'posterioridade' do devir-consciente de um "conteúdo inconsciente", isto é, a estrutura da temporalidade implicada por todos os textos de Freud².

¹ HUSSERL, E. *Idées I*, parágrafo 81, p.276 (citado por Derrida em *A voz e o fenômeno*, p.73).

² Nesta passagem, Derrida observa que Husserl escreve: « É um verdadeiro absurdo falar de um conteúdo 'inconsciente' que só se tornaria consciente na posterioridade (*nachträglichkeit*). A consciência (*Bewusstsein*) é, necessariamente, ser-consciente (*bewusstsein*) em cada uma de suas fases. Assim como a fase retencional tem consciência da precedente, sem fazer dela um

Deste modo, ainda em 1967, textos tais como *Gramatologia, A Diferença* e ainda *Freud e a cena da escritura*, apresentam uma preocupação em desconstruir com a ajuda da psicanálise, certos pressupostos fenomenológicos que constituíam até então, para Derrida, o elemento mesmo do pensamento e do discurso, na esteira da herança husserliana. Sobre este momento de sua obra, Derrida nos diz hoje:

Minha preocupação era a de achar, numa “lógica do inconsciente”, com que sustentar um discurso do qual eu sentia, a partir de um outro lugar, segundo um outro procedimento, a necessidade. Tratava-se das questões relativas ao *a posteriori*, do retardo ou da *différance* “originária”, de tudo o que minava ou ameaçava a autoridade fenomenológica absoluta do “presente vivo” no movimento da temporalização e da constituição do ego ou do alter-ego, da apresentação do sentido, da vida e do presente na fenomenologia (...) ³.

Atualmente, olhando retrospectivamente para a trajetória deste “amigo da psicanálise” (como o próprio filósofo se denomina ⁴), vemos uma contínua afirmação da revolução freudiana, a iniciativa de retornar aos textos de Freud para que esta revolução continue a marcar o espaço da produção intelectual, e até mesmo entre os psicanalistas. Em um texto do início dos anos 90, intitulado “*Let us not forget — Psychoanalysis*” ⁵, Derrida se inquieta a respeito de uma certa « atmosfera filosófica atual » que pareceria querer produzir a certeza de que junto a diversos filósofos e a uma certa « opinião pública », a psicanálise saiu de moda, depois de ter estado na moda de maneira desmesurada entre os anos 60-70. Depois da psicanálise ter afastado a filosofia para longe do seu centro, obrigando-a a testemunhar a expropriação de seu solo e o abalo de uma razão filosófica associada à consciência do eu, à liberdade, à autonomia etc, tudo se passa, atualmente, como se pudéssemos não levar em conta a sua irrupção. *Como se ela não houvesse acontecido*, como se a tomada em consideração de uma lógica do inconsciente e mesmo o uso de « conceitos

objeto, também o dado originário já está consciente — e sob a forma específica do ‘agora’ — sem ser objetivo...’ (...) “a retenção de um conteúdo inconsciente é impossível...” (...) “se cada ‘conteúdo’ é em si mesmo necessariamente ‘inconsciente’, torna-se absurdo interrogar-se sobre uma consciência ulterior que o daria.” HUSSERL, E. *Suplemento IX*, p. 160-161.

³ DERRIDA, J. *De quoi demain*, Fayard-Galilée, Paris, 2001, p.277.

⁴ *Ibid.*, p.271.

⁵ DERRIDA, J. “Let us not forget — Psychoanalysis”, in *Psychoanalysis and Literature*, The Oxford Literary Review, v.12, n 1-2, 1990.

inconscientes » não fosse mais obrigatório e, ao designar uma referência já assimilada e ultrapassada, não tivesse mais lugar. Como se a filosofia pudesse, por exemplo, pensar a responsabilidade ética, a jurídica ou a política do sujeito por meio de uma restauração da autoridade da consciência, sem dificuldade ou paradoxo. Derrida afirma a necessidade da análise deste fenômeno que, na verdade, é correlato à uma assimilação apressada dos pressupostos do discurso freudiano, um fenômeno de « apropriação » dos « valores ameaçadores » da psicanálise com vistas a enfraquecê-la.

Mas o amigo da psicanálise, como diz Derrida, “guarda a reserva ou a distância necessárias à crítica, à discussão, ao questionamento recíproco, às vezes o mais radical”⁶. Sendo assim, ele aponta também as cumplicidades metafísicas da psicanálise, desconfia de suas grandes « máquinas teóricas », ou seja, da substancialização das entidades da metapsicologia freudiana e de suas sólidas oposições conceituais. De fato, a leitura derridiana parece privilegiar em Freud as análises parciais, menores, cujas iniciativas reorganizam, ainda que virtualmente, todo o campo do saber. Nesse sentido, *Freud e a cena da escritura* já representa a tentativa de destacar, na obra de Freud, uma fonte que, segundo o autor, não tinha, até então, sido lida como deveria: uma poderosa reflexão sobre o traço e a escritura. Tema cuja abordagem é essencial para o pensamento derridiano, a « escritura » dirigirá o interesse de Derrida pela obra de Freud como ponto de articulação de uma desconstrução do logocentrismo e do fonocentrismo presentes no discurso metafísico.

O objetivo geral deste estudo é o de realizar uma leitura da abordagem do tema da « escritura » em Freud realizada por Derrida, tentando formular o que poderia ser considerada a herança freudiana do seu pensamento, denominado Desconstrução.

O primeiro capítulo visa esclarecer o interesse de Derrida sobre o tema da escritura numa perspectiva de desconstrução do logocentrismo abordando, entre outros aspectos, uma recuperação de conceitos freudianos que o auxiliam nesta tarefa. No segundo capítulo, abordamos questões relativas ao tema da herança, nos deparando com um desafio: a posição sempre heterogênea da Desconstrução sublinha as cumplicidades metafísicas da psicanálise, inclusive quanto à

⁶ DERRIDA, J. *De quoi demain*, op. cit., p.271.

interpretação psicanalítica de « herança » e de « paternidade », tal como entendidas no contexto freudiano. Seria, portanto, impossível pensar uma relação de filiação que atravessasse a amizade entre Derrida e Freud, o pai da psicanálise? Pergunta espinhosa já que aprendemos com a Desconstrução que o arquivamento de um discurso, no seu desejo de origem, não se institui senão se repetindo e não retorna para se recolocar senão no parricídio. A escritura derridiana repete incansavelmente a morte do pai. Sem a pretensão de efetuar, no entanto, um « ajuste de contas » entre os dois pensadores, nosso estudo rende-se à necessidade de abarcar, neste segundo capítulo, a temática da herança. No terceiro capítulo, tentamos, a partir das leituras anteriores, localizar na obra derridiana os elementos herdados da escritura freudiana.